

SOCIAL



Nesta seção, analisamos os últimos indicadores para o mercado de trabalho brasileiro, em especial o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) e a Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), que apontam um crescimento do emprego no Brasil, porém acompanhado também do crescimento da subutilização da força de trabalho.

Caged

O Caged sinalizou que, em julho de 2017, o Brasil apresentou um saldo de 35,9 mil postos de trabalho com carteira assinada, sendo o quarto mês consecutivo em que o indicador vem positivo. Neste mês, o setor que puxou a criação de empregos foi a Indústria, seguido do Comércio e Serviços. Nos meses anteriores, o resultado positivo no saldo de geração de empregos havia sido puxado pela Agropecuária, mas agora se expandiu para outros setores da economia. Resta ver se o efeito positivo, possivelmente resultado da liberação do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS),

tem fôlego para deslanchar uma retomada consistente da geração de empregos formais.

PNAD Contínua

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua aponta que a taxa de desocupação caiu no trimestre analisado (abril a junho de 2017) em relação ao trimestre anterior, mas subiu em relação ao ano anterior (em que foi de 11,3%). O nível de ocupação aumentou em relação ao trimestre anterior mas caiu em relação ao ano anterior. Já a taxa de ocupação permaneceu a mesma.

TAXAS (em pontos percentuais)	Estimativas dos trimestres móveis		
	abr-mai-jun/2016	jan-fev-mar/2017	abr-mai-jun/2017
TAXA DE DESOCUPAÇÃO	11,3	13,7	13,0
NÍVEL DA OCUPAÇÃO	54,6	53,1	53,7
TAXA DE PARTICIPAÇÃO NA FORÇA DE TRABALHO	61,6	61,6	61,7

Os trabalhadores ocupados, como mostra a tabela seguinte, tiveram um aumento em relação ao trimestre anterior, mas caíram em relação ao ano anterior. Em movimento complementar, o número de

desocupados no Brasil caiu em relação ao trimestre anterior, mas aumentou em relação ao ano anterior. O número de trabalhadores fora da força de trabalho se manteve estável.

INDICADORES (em mil pessoas)		Estimativas dos trimestres móveis		
		abr-mai-jun/2016	jan-fev-mar/2017	abr-mai-jun/2017
POPULAÇÃO	EM IDADE DE TRABALHAR	166.270	167.535	168.136
	NA FORÇA DE TRABALHO	102.384	103.123	103.722
	OCUPADA	90.798	88.947	90.236
	DESOCUPADA	11.586	14.176	13.486
	FORA DA FORÇA DE TRABALHO	63.886	64.413	64.415

Apontamos ainda que tem crescido muito a geração de empregos sem carteira, o que indica uma ampliação da informalidade no Brasil, com uma estabilida-

de do número de empregados com carteira em relação ao trimestre anterior e uma queda em relação ao ano anterior.

INDICADORES (em mil pessoas)		Estimativas dos trimestres móveis		
		abr-mai-jun/2016	jan-fev-mar/2017	abr-mai-jun/2017
POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO	EMPREGADO NO SETOR PRIVADO COM CARTEIRA (inclusive trabalhadores domésticos)	34.424	33.406	33.331
	EMPREGADO NO SETOR PRIVADO SEM CARTEIRA (inclusive trabalhadores domésticos)	10.083	10.181	10.623
	TRABALHADOR DOMÉSTICO	6.226	6.058	6.104
	EMPREGADO NO SETOR PÚBLICO (inclusive servidor estatutário e militar)	11.300	10.872	11.299
	EMPREGADOR	3.707	4.128	4.191
	CONTA PRÓPRIA	22.923	22.112	22.509
	TRABALHADOR FAMILIAR AUXILIAR	2.136	2.190	2.179

Por grupamentos de atividade, a PNADC também indica um crescimento do emprego na indústria em relação ao trimestre anterior, mas estabilidade em relação ao ano anterior. Outros segmentos que cres-

cem em relação ao trimestre anterior são Transporte, Armazenagem e Correio; Administração Pública, Defesa, Seguridade Social, Educação, Saúde Humana e Serviços Sociais, bem como Outros Serviços

INDICADORES (em mil pessoas)		Estimativas dos trimestres móveis		
		abr-mai-jun/2016	jan-fev-mar/2017	abr-mai-jun/2017
GRUPAMENTOS DE ATIVIDADE	AGRICULTURA, PECUÁRIA, PRODUÇÃO FLORESTAL, PESCA E AQUICULTURA	9.417	8.682	8.652
	INDÚSTRIA GERAL	11.661	11.380	11.755
	CONSTRUÇÃO	7.414	6.836	6.731
	COMÉRCIO, REPARAÇÃO DE VEÍCULOS AUTOMOTORES E MOTOCICLETAS	17.405	17.214	17.412
	TRANSPORTE, ARMAZENAGEM E CORREIO	4.495	4.493	4.623
	ALOJAMENTO E ALIMENTAÇÃO	4.492	4.994	5.071
	INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ATIVIDADES FINANCEIRAS, IMOBILIÁRIAS, PROFISSIONAIS E ADMINISTRATIVAS	9.689	9.940	9.820
	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, DEFESA, SEGURIDADE SOCIAL, EDUCAÇÃO, SAÚDE HUMANA E SERVIÇOS SOCIAIS	15.758	15.067	15.552
	OUTROS SERVIÇOS	4.145	4.231	4.468
	SERVIÇOS DOMÉSTICOS	6.319	6.098	6.137

Por posição na ocupação e por segmentos de atividade, também houve estabilidade, segundo a PNA-DC, para a comparação com o trimestre anterior. E

comparado com o mesmo trimestre no ano anterior, cresceu. A massa de rendimento real habitual mostra estabilidade.

INDICADORES (em mil pessoas)		Estimativas dos trimestres móveis		
		abr-mai-jun/2016	jan-fev-mar/2017	abr-mai-jun/2017
RENDIMENTO MÉDIO REAL HABITUAL (em reais) - PESSOAS OCUPADAS (Todos os trabalhos)		2.043	2.125	2.104
MASSA DE RENDIMENTO REAL HABITUAL (em reais) - PESSOAS OCUPADAS (Todos os trabalhos)		180.896	184.222	185.096

A taxa composta de subutilização da força de trabalho (subocupados por insuficiência de horas + desocupados + força de trabalho potencial sobre a força de trabalho) caiu de 24,1%, no primeiro trimestre para 23,8%, no segundo trimestre, com as maiores

taxas verificadas no Nordeste (34,9%) e as menores na região Sul (14,7%). No entanto, como mostra a tabela abaixo, a média anual do indicador para 2017 é ainda a maior da série histórica, medida desde 2012.

Taxa composta da subutilização da força de trabalho

Ano	Trimestre de	Estimativa	Média anual (%)
2012	jan-fev-mar	20,9	-
	abr-mai-jun	18,9	-
	jul-ago-set	17,1	-
	out-nov-dez	16,7	18,4
2013	jan-fev-mar	17,9	-
	abr-mai-jun	16,8	-
	jul-ago-set	16,0	-
	out-nov-dez	14,9	16,4
2014	jan-fev-mar	15,6	-
	abr-mai-jun	14,9	-
	jul-ago-set	14,8	-
	out-nov-dez	14,9	15,1
2015	jan-fev-mar	16,5	-
	abr-mai-jun	17,2	-
	jul-ago-set	18,0	-
	out-nov-dez	17,3	17,3
2016	jan-fev-mar	19,3	-
	abr-mai-jun	20,9	-
	jul-ago-set	21,2	-
	out-nov-dez	22,2	20,9
2017	jan-fev-mar	24,1	-
	abr-mai-jun	23,8	-

As desigualdades de gênero e raça são amplamente verificáveis no mercado de trabalho segundo a PNADC: no segundo trimestre de 2017 (abril-junho), a taxa foi estimada em 11,5% para os homens e 14,9% para as mulheres. Por outro lado, homens (56,6%) representavam maior percentual de ocupados. Quanto a cor ou raça, a taxa de desocupação desagregada também mostra que entre as pessoas que se declararam brancas (10,3%) ficou abaixo da média nacional, porém a dos pretos (15,8%) e dos pardos (15,1%) ficou acima.

Diferenças de escolaridade também importam: a taxa de desocupação para pessoas com ensino médio incompleto, 21,8%, era superior à verificada para os demais níveis de instrução. Para o grupo de pessoas com nível superior incompleto, a taxa foi estimada em 14%, mais que o dobro da verificada para aqueles com nível superior completo, 6,4%.

Também as taxas de desocupação dos grupos de pes-

soas de 14 a 17 anos de idade (43%) e de 18 a 24 anos (27,3%) apresentaram patamar superior ao estimado para a taxa média total.

Quanto à variação regional, no segundo trimestre de 2017, a taxa de desocupação registrou retração em todas as grandes regiões, exceto Nordeste (em que permaneceu estável, de 16,3% para 15,8%), com destaque para o Norte (de 14,2% para 12,5%) e Centro-Oeste (de 12% para 10,6%). As outras taxas foram: Sudeste (de 14,2% para 13,6%) e Sul (de 9,3% para 8,4%).

Quanto à taxa de desocupação por Unidade da Federação, a PNADC destaca que Pernambuco (18,8%) e Alagoas (17,8%) registraram as maiores taxas de desocupação, como mostra a próxima tabela. Em Pernambuco, a taxa passou de 17,1% para 18,8%; e em Alagoas, de 17,5% para 17,8%. As menores taxas de desocupação foram registradas em Santa Catarina (7,5%), Rio Grande do Sul (8,4%) e Mato Grosso (8,6%).

Unidades da Federação	Taxa de desocupação (%)	
	janeiro-março 2017	abril-junho 2017
Pernambuco	17,1	18,8
Alagoas	17,5	17,8
Bahia	18,6	17,5
Amapá	18,5	17,1
Rio de Janeiro	14,5	15,6
Rio Grande do Norte	16,3	15,6
Amazonas	17,7	15,5
Acre	15,9	14,9
Maranhão	15	14,6
Sergipe	16,1	14,1
Piauí	12,6	13,5
São Paulo	14,2	13,5
Espírito Santo	14,4	13,4
Ceará	14,3	13,2
Distrito Federal	14,1	13,1
Minas Gerais	13,7	12,2
Tocantins	12,6	11,7
Paraíba	13,2	11,4
Pará	13,8	11,4
Goiás	12,7	11
Roraima	10,3	10,8
Rondônia	8	8,9
Mato Grosso do Sul	9,8	8,9
Paraná	10,3	8,9
Mato Grosso	10,5	8,6
Rio Grande do Sul	9,1	8,4
Santa Catarina	7,9	7,5

Fonte: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua mensal

A PNADC destaca que a população ocupada, no trimestre analisado, era integrada por 68% de empregados (incluindo empregados domésticos), 4,6% de empregadores, 24,9% de pessoas que trabalharam por conta própria e 2,4% de tra-

balhadores familiares auxiliares. Nas regiões Norte (31,8%) e Nordeste (29,8%), o percentual de trabalhadores por conta própria era superior ao verificado nas demais regiões.